



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Leni Ribeiro Leite¹

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho²

O gênero retórico demonstrativo e sua influência em obras poéticas segundo Menandro Retor, Horácio e Quintiliano

The Epideictic Genre and its Influence on Poetic Works According to Menander Rhetor, Horace and Quintilian

Resumo:

Sabendo do impacto que a arte retórica exerce nas outras artes durante a Antiguidade, investigamos, no presente artigo, sua relação com a arte poética, principalmente no gênero epidítico, já que os discursos laudatórios possuem finalidades semelhantes à literatura. Utilizamos como *corpus* para o desenvolvimento da pesquisa as obras *Sobre o epidítico* de Menandro Retor, *Institutio Oratoria* de Quintiliano e a *Ars Poetica* de Horácio.

Palavras-chave:

Gênero demonstrativo; Retórica do elogio; Poética antiga.

Abstract:

Aware of the impact of the Rhetorical arts on other arts during Antiquity, the present article aims at investigation the relation between Rhetoric and Poetics, especially concerning the epideictic genre, since laudatory speeches have goals akin to those of literature. As selected *corpus* of study, we selected the following works: *On the epideictic*, by Menander Rhetor; *Institutio Oratoria*, by Quintilian; and *Ars Poetica*, by Horace.

Keywords:

Demonstrative genre; Rhetoric of praise; Ancient poetics.

¹ PPGL/PPGHis-Ufes.

² PIBIC-Ufes.

1. A arte retórica e a sua influência na poética Antiga

Sabe-se que a arte retórica era, amplamente, a base da educação antiga e medieval:³ no entanto, tendo perdido a importância que possuía como disciplina independente, já no século XIX ela se resumia praticamente ao estudo das figuras de linguagem, para análise dos poemas da Antiguidade e das literaturas modernas (Curtius, 1996: 99-100). Porém - e apesar das mudanças recentes que levaram ao renovado interesse no estudo das retóricas que se observa no século XXI - se o próprio termo *retórica* gerou certa ojeriza à sensibilidade moderna, na Antiguidade a retórica era onipresente como a “arte de falar” ou “o método de construir o discurso artisticamente” (Curtius, 1996: 101). A retórica antiga é tradicionalmente dividida em cinco partes: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *actio*; e em três gêneros: os discursos judicial, deliberativo e demonstrativo (cf. Scatolin, 2009: 56 *et seq.*).

O discurso judicial, segundo Quintiliano (*Inst. Or.* III, I, 1-22), era o que os alunos mais buscavam aprender, mas era também o tipo de discurso mais cansativo, pois possuía muitas normas e regras. Seu objetivo era a acusação ou a defesa de algo ou alguém, sendo claro seu uso prático no fórum. O discurso deliberativo, tratado por Quintiliano no livro III, capítulo 8, era voltado para o aconselhamento relacionado às coisas públicas e foi chamado por Curtius (1996: 107) de “oratória política”. Esses gêneros retóricos tornaram-se disciplinas nas escolas de retórica no período imperial romano, sendo promovidos através de exercícios de simulação de situações judiciais e deliberativas, os *progymasmata* (cf. Webb, 2001) e de discursos ficcionais, criados para entretenimento, as *declamationes* (cf. Bloomer, 2004). Por fim, o terceiro tipo de discurso é o demonstrativo, epidítico ou “pomposo”, como o chama Curtius (1996: 104), cujo foco é o elogio e o vitupério de deuses e homens.

Neste artigo, será focado este terceiro gênero retórico, o demonstrativo, na tentativa de mostrar a maior aproximação dele com a poética, já que, a partir de Górgias, a retórica começa a ser vista como uma arte de estilo, usada para alcançar um efeito musical e poético (Barthes, 1982: 13). No período imperial romano, o gênero epidítico assume um caráter político importante e a poesia “impregnou-se do espírito retórico” (Curtius, 1996: 109). As obras utilizadas como *corpus* para esta pesquisa foram a *Arte poética* de Horácio, a *Institutio Oratoria* de Quintiliano e *Sobre o epidítico* de

³ Foge ao escopo deste artigo desenvolver uma reflexão anterior e mais ampla acerca do papel da retórica como um todo na educação antiga e medieval; no entanto, para mais informações sobre o tema, cf. Curtius, 1996.

Menandro Retor, lidos em tradução, consultando-se os originais pontualmente quando necessário.

2. O gênero epidítico e seu uso na literatura

Segundo Burgess (1902: 93-95), a palavra “demonstrativo” é usada como sinônima para epidítico, pois, a princípio, a função desse gênero seria muito mais demonstrativa ou expositiva que informativa, e, por isso, nele as emoções seriam mais importantes que a argumentação. Quintiliano (III, 7, 4), porém, tinha uma opinião diferente, pois, para ele, o panegírico podia ser também informativo e eram igualmente necessárias provas para compô-lo (Burgess, 1902: 93-95). Já para Isócrates (*Pan.* 11), o termo “epidítico” caracterizava uma oratória mais distinta e polida, como nos diz Bertacchi (2014: 133):

“O termo epidítico (que pode ser traduzido por demonstrativo) será utilizado por Aristóteles para designar um dos gêneros discursivos em sua sistematização da retórica (1358a36-b7), o dos discursos de elogio ou vitupério. Para Isócrates, porém, “epidítico” estava relacionado às qualidades da elocução, as quais o autor considera necessárias para tratar de assuntos importantes, como aqueles de relevância para a Grécia”.

Aristóteles, na obra *Retórica*, explica os três gêneros discursivos, mas, sobre o epidítico, ele afirma que deve tratar do belo ou do vergonhoso. Ele continua afirmando que “é evidente que tudo o que produz a virtude é necessariamente belo (porque tende para a virtude), assim como é belo o que procede da virtude” (1366b) e a virtude é a faculdade de fazer o bem de maneira mais proveitosa para outras pessoas (1366b). A composição desse gênero seria feita a partir da amplificação da virtude ou do vício pelo orador, segundo a finalidade de louvor ou censura. Laurent Pernot (1993: 659), ao explicar as funções do elogio, afirma que “Aristóteles, com efeito, caracterizou [o epidítico] como uma fala formal, ostentadora, destinada a mostrar mais o talento do orador que a pronuncia. (...) o elogio era limitado pela teoria a um papel de exibição gratuita”⁴. Aristóteles, ainda, distingue o elogio do encômio, afirmando que:

⁴ Aristote l'a en effet caractérisé comme une parole formelle, ostentatoire, destinée à montrer le talent de l'orateur qui la prononce. (...) l'éloge était cantonné par la théorie dans un rôle d'exhibition gratuite” (Pernot, 1993: 659).

“O elogio é o discurso que manifesta a grandeza de uma virtude. É, por conseguinte, necessário mostrar que as ações são virtuosas. Mas o encômio refere-se às obras (...). E por isso fazemos o encômio de quem realizou algo. As obras são sinais do caráter habitual de uma pessoa; pois elogiariamos até quem nenhuma fez, se estivéssemos convencidos de que era capaz de fazer” (1367b).

No segundo capítulo da obra *Retórica a Alexandre* também existe a distinção entre elogio e encômio. Nela, o elogio é entendido como um louvor verdadeiro, enquanto o encômio não seria tão honesto; por isso, o primeiro deveria ser composto aos deuses, e, o segundo, à virtude dos homens. (Russell; Wilson, 1981: xxiv-xxv).

A temática de virtudes e vícios para a composição de textos não era, para os Antigos, porém, somente característica da prática oratória. Na *Poética* (1448a), Aristóteles desenvolve a teoria de que a poesia, de maneira geral, é composta a partir da imitação dos homens virtuosos e viciosos, e por isso os personagens seriam caracterizados dessa maneira. Ainda para Aristóteles, nesta mesma obra, os gêneros mais sérios, como a epopeia e a tragédia, têm como fim primeiro o elogio, já que retratam homens bons e virtuosos, enquanto os menos sérios, como a comédia, são feitos para vituperar os vícios dos personagens tipos (1449a 33-41, 1449b). Sendo composta buscando elogiar ou vituperar, a poesia deve sempre tentar alcançar a verossimilhança, pois melhores são os versos impossíveis críveis que os possíveis incríveis (1451a 37-40; 1451b).

Observa-se, portanto, que, para além da associação entre poética e retórica, já fartamente documentada e debatida pela crítica do século XX (Cairns, 2007), esta relação mais estreita entre a retórica epidítica e a poética, na Antiguidade, não passou despercebida aos comentadores modernos. Na introdução à sua edição da obra de Menandro, Donald Russel e Nigel Wilson, os tradutores, afirmam que a poesia sempre se encontrava nos gêneros retóricos; porém, no deliberativo e no forense, ela era usada sob a forma de exemplos gerais, enquanto no epidítico, o poeta, em um, e o orador, no outro, têm a mesma finalidade: comemorar uma ocasião (Russell; Wilson, 1981: xxxii). Burgess (1902: 167-8) também aponta que, apesar do gênero epidítico ser um gênero retórico, ele era muito relacionado com a poesia, tanto na finalidade de deleite, quanto na temática abordada.

Já no século IV d.C, a poesia cedeu espaço à prosa e os oradores começaram a compor seus discursos epidíticos com a mesma liberdade que possuíam os poetas,

transferindo para a prosa temáticas antes tratadas principalmente em versos (Burgess, 1902: 173-4). Ainda que os manuais de retórica não reconhecessem esses “poemas em prosa”, como nomeia Burgess (1902: 180-1), esse tipo de composição passou a ser numeroso, e muitos oradores quebraram as barreiras entre a oratória e a poética no que diz respeito ao epidítico, possuindo a mesma liberdade estilística e se apropriando dos mesmos lugares-comuns (Burgess, 1902: 184). A prosa epidítica seria então um discurso composto por um orador e regulamentado pela retórica, assumindo, porém, características da poesia.

Ainda segundo Burgess (1902: 107-8), obras como a de Aristóteles, por exemplo, ainda que muito populares na modernidade como forma de acesso ao pensamento dos antigos, não foram escritas com fins pedagógicos, e sim de sistematização e, por isso, em muitos casos, as informações não parecem completas nem são fáceis de harmonizar. A Antiguidade nos legou, porém, obras de cunho mais didático acerca do gênero epidítico, em especial as de Dionísio de Halicarnasso e as de Menandro, o Retor. São estas últimas, de Menandro, o Retor, as que passaremos a analisar, a fim de observar as características desses “poemas em prosa” e de que forma a retórica os compreendia e influenciava.

3. Sobre o epidítico, de Menandro Retor

Menandro escreveu dois tratados intitulados *Sobre o epidítico*⁵ entre os séculos IV e V d.C, nos quais disserta sobre o gênero epidítico, seu uso mais apropriado e os elementos fundamentais para compor obras neste gênero. No início do livro I do primeiro tratado, Menandro rapidamente divide os gêneros retóricos entre os três já explicados acima, porém logo afirma que não vai comentar sobre a retórica desde o início e focará no terceiro gênero, o epidítico:

⁵ Por conta das particularidades de cada tratado, há divergências sobre a autoria e a datação deles, como nos afirma Russel (1981, p.xi), tradutor da obra de Menandro: “We shall see that the two treatises are not part of a single whole, and that there are strong reasons for assigning them to different authors. We shall see also that the dating of both is to some extent uncertain. These doubts, however, need not seriously affect our appreciation of the historical circumstances in which they were written”. “Veremos que os dois tratados não são partes de um todo e, por isso, temos fortes motivos para atribuí-los a dois autores diferentes. Veremos também que a datação de ambos também é razoavelmente incerta. Essas dúvidas, porém, não precisam afetar seriamente a nossa análise quanto às circunstâncias históricas nas quais as obras foram escritas” (Tradução nossa). Apesar de sabermos, portanto, que as obras provavelmente foram escritas por autores diferentes, usaremos o nome de Menandro para ambas, conforme a tradição.

“Não espere, portanto, ouvir sobre a retórica como um todo desde o início, mesmo que eu tenha sugerido acima dar uma brevíssima explanação sobre cada parte. Por isso, consideremos a arte <do epidítico>, e ela poderá ser explicada com sucesso” (331, 5-10).⁶

Após uma breve explanação sobre a natureza do elogio e do vitupério, Menandro afirma que o elogio as vezes é relacionado aos deuses ou às coisas divinas quando relacionadas aos mortais, isto é, é usado para caracterizar os homens a partir de elementos do divino. A composição do elogio aos deuses, Menandro continua, é feita em forma de hinos e são genericamente assim intitulados ou com o nome do deus para o qual o louvor é feito, por exemplo, “Para Zeus” (331, 20-25; 332, 1-5).

Menandro divide os hinos em oito partes, segundo a temática trabalhada nelas. Mais adiante, ele afirma que a poesia é a forma mais apropriada para a composição dos hinos, pois os escritos em prosa deveriam ser mais concisos, já os versificados poderiam descrever sobre os tópicos mais detalhadamente. Isto é, num tratado a princípio acerca da escrita de discursos dentro do gênero epidítico, um tratado retórico, o tratadista abre espaço para discutir a poesia e suas formas, de maneira natural. Essa relação entre as formas do gênero retórico e formas poéticas ocorre em vários pontos do texto: ao tratar dos hinos cléticos⁷, por exemplo, Menandro diz que, se eles fossem escritos em prosa, alguns lugares-comuns teriam que ser reduzidos, como a descrição dos lugares (I, 335, 5). Há certos hinos, porém, como o genealógico, que podem ser feitos em prosa, pois são mais adequados se compostos sem excessos (I, 340, 15-25). Apesar da preferência de Menandro da escrita prosaica dos hinos genealógicos, a versificação não é proibida. Um famoso exemplo de hino genealógico é a *Teogonia* de Hesíodo, cujo próprio autor, inspirado pelas Musas, narra o mito da criação do mundo que é comandado por Zeus. A escolha de palavras desses hinos deve concordar com o público para o qual eles seriam proferidos, e, se relacionados aos homens, eles deveriam ser simples; aos deuses, grandiosos. Essa distinção é feita mais nos hinos fictícios, que

⁶ “Do not therefore expect to hear about rhetoric as a whole from the beginning, even if I proposed above to give you an explanation about every department in the briefest form (?). Let us therefore consider the technique <of epideictic>, and it may be successfully conducted”.

⁷ Os hinos cléticos são invocações aos deuses. Neles, os poetas podem descrever os lugares relacionados aos deuses detalhadamente, sejam eles rios, lugares sagrados, países ou até cidades. Por causa desse detalhamento permitido, os hinos cléticos são inevitavelmente longos, como afirma Menandro (I, 333, 7-9; 334, 25-32; 335, 336, 1-5).

são elogios aos deuses menos conhecidos e que possuíam histórias misteriosas (I, 341, 1-4; 342, 10-20).

No final do primeiro livro, Menandro explica que passará ao louvor dos países, justificando “Não pelo fato de ninguém ter louvado somente um país sem a cidade, mas porque os louvores do país são incluídos no encômio às cidades”⁸ (344, 1-5). Menandro, então, já no segundo livro explica como louvar primeiro os países, e depois as cidades, as baías e portos das cidades. No caso dos países, devem ser observadas a posição e a natureza do local, isto é, se é perto ou longe do oceano, se é uma península, qual é a localização geográfica, se o lugar é montanhoso, se a terra é fértil, e o louvor deve ser composto a partir dessas características (II, 345). Para louvar as cidades, as mesmas características devem ser consideradas, além de conhecer as cidades vizinhas, as condições climáticas e a sua origem (II, 347-351). Quando o louvor é feito segundo a origem da cidade, devem ser destacados os motivos da fundação e quem foi o fundador, e compor o encômio ao fundador pela sua sabedoria e grandeza (II, 353-359).

Outro lugar-comum importante destacado pelo autor grego em como louvar uma cidade é pelas suas conquistas, por isso Menandro dedica o livro III inteiro a esse tópico. Ele afirma que as conquistas podem ser políticas, científicas e artísticas. Sobre o sistema político, Menandro não distingue se o melhor é a tirania, oligarquia, plutocracia ou democracia, mas defende a ideia de que o melhor tipo é aquele que a cidade deseja e com a qual está de acordo. Além disso, as conquistas da cidade podem ser também no campo da astrologia, geometria, retórica, música, gramática, entre outras artes. O encômio também pode ser feito para o governante da cidade, pois eles são sempre pessoas prudentes, justas, corajosas, moderadas e sempre amadas pelos deuses; o louvor pode também ser de dois tipos: comum, quando não tem um pretexto para ser composto, ou específico, quando feito para festivais (III, 359-367).

Enquanto o Tratado I tem apenas os livros que foram brevemente comentados acima, totalizando três, o Tratado II tem dezessete. O primeiro e o segundo livros são, provavelmente, os mais importantes, já que abordam a mesma temática, que é a oratória imperial. Ao iniciar os livros, Menandro faz uma afirmação que acaba descartando a possibilidade dessa oratória imperial ser também um vitupério e, como consequência, o ensino de como compô-lo, já que o epidítico, assunto do qual o livro trata, consiste na produção não somente de louvores, como também de censuras. Além

⁸ “not because anyone has praised a country just by itself without a city, but because the praises of a country are included in encomia of cities”.

disso, Menandro também descarta a relação dos dois outros gêneros, de acusação, defesa e aconselhamento, com a oratória imperial, e alerta o seu leitor, possível autor de um encômio sobre a magnificência da pessoa louvada, dizendo:

“A oratória imperial é um encômio ao imperador. Por isso, ela abrange uma amplificação geralmente acordada sobre as boas coisas relacionadas ao imperador, mas não admitindo características ambíguas e duvidosas, por causa da grande magnificência da pessoa elogiada” (I, 368, 1-5).

Menandro continua sugerindo que uma boa maneira de iniciar um encômio seria dizer que nem se sabe como começá-lo, por causa da grandiosidade do soberano (I, 369, 1-17). Após, deve-se comentar da sua nacionalidade, de como o seu nascimento foi divino, da sua excelente criação e do ótimo comportamento que ele assume nos tempos de guerra e de paz (I, 369-371). Para finalizar, deve-se mostrar a boa Fortuna de seu governo e compará-lo aos governos anteriores (I, 376-377). Concordando com o que sistematiza Aristóteles, o que deve ser destacado na composição do encômio são as virtudes do imperador e a faculdade de fazer o bem, porque é belo e, por isso, merece ser elogiado.

Nos livros seguintes, Menandro explica os discursos menos usados, como o discurso de chegada, de despedida, de consolo, de núpcias, de aniversário, entre outros. Entre esses textos menores, é válido destacar os discursos funerários, que também são explicados no Tratado II. Esse tipo de discurso, cuja origem esconde-se mesmo antes do período republicano, é mencionado como a principal razão do uso do epidítico por Cícero no diálogo *De Oratore* (II, 44), na voz de Antônio¹⁰. No entanto, como aponta Braund (2012: 87), esta relação entre as orações fúnebres e as inscrições funerárias de caráter encomiástico, como a *Laudatio Turiae*, de um lado, e o desenvolvimento do panegírico latino e das demais formas do epidítico imperial, é uma invenção surgida *a posteriori*; os usos do epidítico imperial estão sempre enraizadas em situações sociopolíticas específicas, que distam em muito do elogio fúnebre. Todavia, tanto

⁹ “The imperial oration is an encomium of the emperor. It will thus embrace a generally agreed amplification of the good things attaching to the emperor, but allows no ambivalent or disputed features, because of the extreme splendour of the person concerned”.

¹⁰ “[...] exatamente nesse gênero, ficamos, eu e todos os que estavam presentes, extremamente encantados com o elogio fúnebre que fizeste a Popília, vossa mãe, a primeira mulher a quem, julgo eu, foi concedida tal honra em nossa cidade” (II, 44).

Cícero como Menandro, entre outros, defendem uma vinculação entre a oração fúnebre e as demais formas do epidítico.

Assim, o discurso funerário, chamado por Menandro de *epitáphios*, consta de seu rol de textos epidíticos, e, segundo o autor, deve ser produzido somente para aqueles que morreram na guerra, sendo proferido a cada ano junto ao túmulo do falecido (“Em Atenas, epitáfio – discurso funerário – é o nome do discurso proferido anualmente sobre aqueles que morreram nas guerras. É assim chamado simplesmente porque é feito sobre o túmulo”)¹¹ (XI, 418, 5-10). O orador deve adequar as partes do discurso de acordo com o tempo de morte da pessoa; por exemplo, se a pessoa morreu há pouco tempo, deve conter lamentações em todas as partes (XI, 418, 20-26). O orador também deve tratar principalmente das ações da pessoa e deve incluir nesse encômio um consolo à família (XI, 418-421).

Após a descrição do *epitáphios*, porém, Menandro se volta para um outro tipo de discurso funerário: a monodia, que, como o nome mesmo indica, era, de fato, um poema. Ao começar a explicação com Homero, Menandro aponta para esta relação. Segundo o autor, em Homero encontram-se exemplos desse discurso e é a partir dele que Menandro sistematiza a composição da monodia. A finalidade do discurso monódico é a lamentação e a piedade. Por isso, se a pessoa que morreu não for algum familiar, o discurso deve apenas lamentar a morte; se for um familiar, o orador deve lamentar a sua perda e mostrar a sua desolação; se a pessoa for jovem, o lamento deve basear-se na sua idade. Além disso, esse discurso é mais adequado à morte de pessoas jovens, como afirma Menandro: “É óbvio que a monodia é comumente feita às pessoas jovens, não aos velhos. Não seria fútil e supérfluo se lamentar para o velho na monodia como se lamenta para um jovem?”¹² (XVI, 437, 20-25). Após a morte de Heitor por Aquiles, no último livro da *Iliada*, três personagens compõem uma monodia ao herói, são elas a esposa do herói morto, Andrômada (XXIV, 724-744), sua mãe, a rainha de Troia e esposa de rei Príamo, Hécuba (XXIV, 747-768), e Helena (XXIV, 761-774), rainha grega raptada e levada para Troia por Páris, todos carregados de lamentação pela grande perda do jovem herói troiano.

Observamos, portanto, através destes exemplos colhidos em ambos os textos intitulados *Sobre o epidítico*, de Menandro, o retor, que este autor do fim da Antiguidade

¹¹ “At Athens, *epitáphios* – funeral speech – is the name of the speech delivered each year over those who fell in wars. It is so called simply because of its being spoken over the actual grave”.

¹² “It is obvious that monodies are commonly delivered over young people, not over the old. Would it not be futile and superfluous to lament for the old in a monody as for the young?”.

percebia como clara a relação entre elementos dos discursos do gênero epidítico e as formas da poesia que também têm como objetivo o louvor, em especial de pessoas ou lugares. Antes de Menandro, a questão do louvor na poesia havia sido tratada por um poeta, em um texto cujo alvo eram não os oradores, mas os poetas.

4. *Ars poetica* de Horácio

A *Ars poetica* de Horácio, escrita por volta do ano 19 a.C., diferentemente da obra de Menandro, não sistematiza os tipos de discurso, como compô-los, a sua extensão ou situações adequadas de proferi-los, pois suas admoestações são voltadas aos poetas, e não aos oradores. A partir da metáfora do pintor, Horácio inicia sua epístola aos Pisões buscando mostrar o que os poetas podem ou não escrever, pois apesar da permissão que lhes é dada de ousar, eles podem se tornar obscuros (1-13). Horácio trabalha a totalidade de seu poema sob a forma de aconselhamento: alertando os poetas sobre o vocabulário usado nos poemas, pois as palavras “renascerão muitas que já sucumbiram e sucumbirão as que agora são palavras apreciadas, se o uso consentir, porque o poeta tem nas mãos o poder de decisão, o direito e a norma de falar” (70-72); lembrando que os poetas devem conhecer a metrificacão adequada para cada tema (73-85); devem criar personagens consistentes do início ao fim do poema (125-130); e devem compor o exórdio de acordo com o tema, isto é, se a temática não for grandiosa, o exórdio também não deve ser (136-152).

Horácio não tem como objetivo falar especificamente sobre o elogio, mas, em algumas passagens, ele mostra ao poeta o que é digno de ser louvado: a justiça favorável à saúde, às leis e à paz merece o louvor dos poetas (193-201) assim como aqueles que abandonaram o padrão grego de escrita (285-288), pois “nem por seu vigor nem por suas armas afamadas seria o Lácio mais potente do que por sua língua, se não ofendesse a cada um dos poetas o trabalho de lima e tardança” (289-294), destacando a importância que a língua latina deveria possuir e que o Lácio deveria ser conhecido mais pela sua superioridade linguística que pelas armas. Horácio procede afirmando que os poetas devem ser breves e que o louvável deve se aproximar da verdade (333-340), como também os poemas feitos mesclando talento e arte, afirmando: “Eu, não vejo a que serve nem o esforço sem um rico talento, nem o engenho sem a arte: assim uma coisa requer o auxílio da outra e conspira amigavelmente” (408-411). Por fim, Horácio alerta aos Pisões que um poema de louvor deve ser recitado por outra pessoa, pois o poema parecerá mais bajulação que um louvor sincero (426-433) e os aconselha a não compor versos elogiosos por motivos fúteis (434-437).

Na carta poética de Horácio, ainda que esta não seja a temática principal, o louvor como tema da poesia aparece com alguma frequência, como buscamos exemplificar acima. Isso denota, acreditamos, que o texto poético como forma de atingir objetivos próprios do gênero demonstrativo era importante o suficiente no período de Horácio para garantir sua menção em um texto cuja função seria indicar a boa forma de se escrever poesia. Além disso, como teoriza Walker (2000: 140), assim como a prática retórica, a poesia também funcionava como um tratado cultural e político, sendo a argumentação epidítica aquela que moldava efetivamente, intervinha e intensificava valores hierárquicos e ideológicos. Por isso, um tratado de poética importante como o de Horácio, apesar de não tratar tão detalhadamente do epidítico, possuía uma finalidade além de propedêutica, mas também de controle e intensificação dos valores sociais, políticos e ideológicos do período tratado.

5. *Institutio Oratoria* de Quintiliano

A obra de Quintiliano, escrita por volta do ano 95 d.C., difere das anteriores, pois é manual sobre a educação do orador, escrita não para o aluno ou para aquele que deseja aprender, mas para o professor que deseja ensinar; assim como a obra de Horácio, a *Institutio* se ocupa menos com o gênero epidítico do que a obra de Menandro. Por ter um escopo bem mais amplo, somente a partir do livro III Quintiliano começa a explicar as partes da retórica, baseando-se em diversos autores antigos e demonstrando com quais ele mais concordava. Por isso, esse livro é onde mais encontramos comentários sobre o epidítico. Primeiramente, o autor mostra a utilidade do epidítico dentro do gênero judicial, afirmando: “Novamente, a concessão de um elogio ou vitupério de uma testemunha pode carregar um grande peso nos tribunais, mesmo que essa prática seja reconhecida como a de levar alguém para o tribunal a fim de elogiar o caráter do réu”¹³ (VII, 2)¹⁴. Sobre a finalidade do gênero, Quintiliano continua: “A função própria do panegírico, no entanto, é amplificar e ornar seus temas”¹⁵ (VII, 6).

¹³ Traduções nossas, cotejada com a tradução inglesa.

¹⁴ “et laudare testem vel contra pertinet ad momentum iudiciorum, et ipsis etiam reis dare laudatores licet”.

¹⁵ “Sed proprium laudis est res amplificare et ornare”.

Muitas vezes, parece que Quintiliano entende o epidítico como útil para a composição de trechos de textos precipuamente pertencentes a outros gêneros; para Quintiliano, o gênero epidítico se relaciona diretamente com o louvor dos deuses, dos homens e, ocasionalmente, dos animais e objetos inanimados. A partir dessa definição, Quintiliano sistematiza a composição desses tipos de louvores: o primeiro passo no louvor aos deuses seria a veneração da grandiosidade deles; após, deve-se louvar seus poderes individuais e como cada um beneficiou a humanidade (VII, 7-8). Já o louvor aos homens, há uma grande variedade de como fazê-lo. Primeiro, deve-se distinguir o período durante o tempo de vida do objeto de louvor, como o país e seus antepassados, com os tempos anteriores ao seu nascimento. O elogio à pessoa especificamente deve basear-se no caráter, no talento físico e em circunstâncias externas, sendo as duas últimas temáticas menos importantes (VII, 10-12), como diz Quintiliano:

“Além disso, o elogio gerado pelas coisas externas e benefícios ocasionais é feito não pela sua posse, mas pelo uso honroso que se fez dessas coisas. Como a riqueza, o poder e a influência são fontes de força, eles são o mais certo teste de caráter para o bem ou o mal das pessoas; eles nos fazem pessoas melhores ou piores”¹⁶ (VII, 13-15).

Para louvar as cidades, os oradores seguem os mesmos caminhos que o louvor aos homens: o fundador seria como os pais, sua história carregaria a autoridade e os cidadãos honram a cidade da mesma forma que a criança honra seus pais (III, VII, 26). Além disso, construções públicas também podem ser louvadas pela sua magnificência, beleza, arquitetura, utilidade, reconhecendo o trabalho do artista, assim como alguns locais. Para ele, qualquer tipo de coisa pode ser louvado, como o sono, a morte e alguns tipos de comida (VII, 26-28). Depois de explicar sobre a importância do epidítico no fórum, ele finaliza o capítulo VII mostrando-a também no deliberativo:

“Embora eu não concorde que o panegírico concerne ao que é honroso, eu certamente penso que essa é uma característica do gênero, apesar dos três gêneros estarem envolvidos com o panegírico, como observou Cícero [...]. Mas o panegírico

¹⁶ “Sed omnia quae extra nos bona sunt quaeque hominibus forte optigerunt non ideo laudantur quod habuerit quis ea, sed quod iis honeste sit usus. Nam divitiae et potentia et gratia, cum plurimum virium dent, in utramque partem certissimum faciunt morum experimentum: aut enim meliores propter haec aut peiores sumus”.

é relacionado com a oratória deliberativa, já que as coisas que primeiramente são louvadas, são depois advertidas”¹⁷ (III, VII, 28).

Ou seja, como vimos, Quintiliano se esmera em tratar do epidítico como compositor dos gêneros deliberativo e judiciário. Mais adiante, porém, lembrando que a *Institutio oratoria* foi escrita pensando na educação do orador, Quintiliano, no livro X, tece alguns comentários sobre a distinção entre os oradores e os poetas. Para ele, os oradores não deveriam se espelhar muito em poetas, pois a função da poesia seria apenas o deleite, como nos mostra a seguinte passagem:

“Estejamos sempre lembrados, porém, de que não em tudo os poetas devem ser seguidos pelos oradores: nem na liberdade em relação às palavras, nem na licença das figuras. Aquela, a poesia, é um gênero feito para a apresentação performática, além do fato de que busca apenas a deleitação. Ao deleite ela persegue pelo inventar não apenas de fantasias, mas até mesmo o inacreditável e, nessa forma de existir, ela conta ser ajudada por um assentimento favorável” (X, I, 28).

Ao aproximar a poesia do deleite, no trecho citado, Quintiliano aproxima a poesia do gênero epidítico, uma vez que, em III.7.1, ele afirma que, segundo Aristóteles e Teofrasto, este gênero teria sido reservado apenas ao deleite dos ouvintes, como o próprio nome, oriundo da palavra ostentação, denotaria. Ora, se o gênero epidítico seria tradicionalmente aquele do deleite – o que Quintiliano não nega, acrescentando apenas que o espírito romano o aplicou *também* para funções práticas (III.7.2)¹⁸ - e a poesia teria igualmente esta função, parece claro que essas duas formas que podem assumir o texto se assemelham de alguma forma.

Ainda que afirme que o orador não deva se basear nos poetas, Quintiliano destaca diversos escritores gregos e romanos que o orador deveria conhecer, entre eles poetas (X, I, 45-131). A principal diferença, continua Quintiliano, é que a escrita é um exercício de extrema importância e muito praticado entre os oradores e entre os poetas

¹⁷ “Itaque, ut non consensi hoc laudativum genus circa solam versari honesti quaestionem, sic qualitate maxime contineri puto, quamquam tres status omnes cadere in hoc opus possint, iisque usum C. Caesarem in vituperando Catone notaverit Cicero. Totum autem habet aliquid simile suasoriis, quia plerumque eadem illic suaderi, hic laudari solent.”

¹⁸ Sed mos Romanus etiam negotiis hoc munus inservit.

não tanto, como ele afirma “Vário informa que Virgílio escrevia pouquíssimos versos por dia. A condição do orador, no entanto, é muito diferente” (X, III, 8). Ao falar da imitação, porém, no segundo capítulo, Quintiliano lembra que esta prática é muito comum na composição de obras poéticas, e também é utilizada entre os oradores, que deve sempre ter mais de um orador como referência para imitar (X, II, 1-27), como os poetas fazem.

6. Considerações finais

Conhecemos o caráter essencial da arte retórica na educação e formação do homem, e na sua utilidade na vida pública. A relação entre a retórica e a poesia, na Antiguidade, é igualmente reconhecida e estudada: segundo Francis Cairns (2007: 36), “na Antiguidade, não existia um limite fixo entre a poética e a retórica em nenhum período”¹⁹ e as fórmulas genéricas de escrita não possuíam especificamente um propósito retórico, mas eram parte da herança cultural e social da educação desses homens (2007: 37). Ainda segundo Cairns, “retórica e poética são dois ramos da mesma atividade, que as regras, procedimentos e excelências de ambas são ligadas e que alguns gêneros, se não todos, encontrados na poética são também retóricos”²⁰ (2007: 70). As obras escolhidas para análise neste artigo possuem, porém, informações que nos levam a refletir mais profundamente sobre a relação existente entre a produção retórica e poética na Antiguidade, ao especificar, dentro dos gêneros retóricos tradicionalmente reconhecidos, aquele que é “o terceiro gênero”, mesmo prestigiado e, portanto, alvo de menor atenção do que aquela devotada aos demais: o gênero demonstrativo ou epidítico.

Sem dúvida as obras do nosso *corpus* são bastante distintas entre si. A primeira diferença entre as obras é a finalidade da composição. A *Arte poética* é uma epístola versificada escrita para instruir os Pisões na composição poética; as obras de Menandro e Quintiliano tratam ambas sobre a arte retórica, porém, enquanto a primeira é formada por dois tratados sobre como compor louvores e vitupérios apenas, a segunda pretende ser uma obra que abarque todo o necessário para a formação do orador desde a sua

¹⁹ “[...] in antiquity there was no fixed boundary between poetry and rhetoric at any period”. (Tradução nossa)

²⁰ “This belief is that rhetoric and poetry are two branches of the same activity, that the rules, procedures and excellences of the two are closely connected and that some, if not all, genres found in poetry are rhetorical genres”. (Tradução nossa).

infância. Embora as três obras tenham sido importantes em nossa reflexão acerca da relação que se estabelece entre a retórica epidítica e a poética, em especial na literatura latina, os tratados de Menandro expõem com mais clareza a indistinção genérica entre as duas artes - retórica e poética -, já que ele a todo momento se volta para explicações acerca de cada tipo de louvor e sua adequação para versos. Como vimos, nos tratados de Menandro, parece claro para o autor que o louvor – única preocupação do autor, mas aventuramo-nos a dizer que também o epidítico na outra chave, a do vitupério – é igualmente expresso pelo discurso prosaico e por aquele em versos. Quintiliano, em contrapartida, parece querer acentuar as diferenças, e deixa claro que o ofício do orador é diferente do ofício do poeta, já que o poeta tem como fim o deleite, enquanto o orador, a persuasão. No entanto, em sua própria avaliação do gênero demonstrativo, o deleite da audiência tem papel principal; assim, mesmo que para o orador, no texto da *Institutio Oratoria*, a persuasão seja o ápice, no gênero epidítico, o deleite é essencial, aproximando essas duas formas do discurso, portanto. Para além disso, ainda que haja distinção entre as artes, Quintiliano reconhece a importância da leitura de poemas para a boa formação do orador.

Embora possamos pleitear que a relação entre a retórica e a poética esteja presente nos três gêneros - judicial, deliberativo e epidítico - neste último a distinção é ainda mais difícil. Na retórica epidítica, como já apontava Burgess (1902: 173-4), o orador começa a utilizar não somente os mesmos lugares-comuns necessários para a composição de louvores, mas também passam a escrever com a liberdade estilística dos poetas. Como procuramos demonstrar neste texto, esse embaçamento das fronteiras, observada pelo crítico moderno, entre retórica epidítica e poesia, já era perceptível nos textos antigos que tratavam de alguma forma do louvor na retórica e na poesia.

Referências bibliográficas

Aristóteles. (2008). *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Aristóteles. (1998). *Retórica*. Trad. e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Aristóteles. (1973). *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural.

- Barthes, R. (1975). A retórica antiga. In: Cohen, Jean et al. Trad. Leda Ponto Mafra Iruuzun. *Pesquisas de retórica* (pp. 147-221). Petrópolis: Vozes.
- Bertacchi, A. R. (2014). *O Panegírico, de Isócrates: tradução e comentário*. USP. PPGLC, São Paulo. Dissertação de Mestrado.
- Bloomer, M. (2004). A preface to the history of declamation: whose speech? whose history? In: Habinek, T.; Schiesaro, A. (ed.) *The Roman Cultural Revolution* (pp. 199-215). Cambridge: Cambridge.
- Bowditch, P. L. (2010). Horace and Imperial Patronage. In: Davis, G. *A Companion to Horace* (pp. 53-74). Malden: Blackwell.
- Braund, S. M. (2012). Praise and protreptic in Latin Imperial Panegyric. In: Rees, Roger. *Latin Panegyric* (pp. 85-108). Oxford: Oxford University.
- Burgess, T. C. (1902). *Epideictic literature*. Chicago: University of Chicago.
- Cairns, F. (2007). *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*. Michigan: Michigan Classical.
- Citroni, M. (2006). Quintilian and the perception of the system of poetic genres in the Flavian age. In: Nauta, Van Dam & Smolenaars. (Org.) *Flavian poetry* (pp. 1-19). Leiden: Brill.
- Conte, G. B. Philology, Rhetoric and Literary Criticism, Law. In: _____. *Latin Literature – a history* (pp. 571-587). Transl. Joseph B. Solodow. Baltimore and London: Johns Hopkins University.
- Curtius, E. R. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. Teodoro Cabral. São Paulo: Hucitec.
- Gazoni, F. M. (2006). *A Poética de Aristóteles: tradução e comentários*. USP, PPGF, São Paulo. Dissertação de Mestrado.
- Giesen, K. R. (2016). *O Epidítico como recurso para a representação dos contemporâneos na epistolografia de Plínio, o Jovem*. UFES, PPGL, Vitória. Dissertação de Mestrado [original cedido pelo autor].

- Heath, M. (2004). *Menander: a rhetor in context*. New York: Oxford University.
- Hesíodo. (2013). *Teogonia*. Trad. Chistian Werner. São Paulo: Hedra.
- Homero. (2015). *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Horácio. (1984). *Arte Poética*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito.
- Lauxtermann, M. D. (1998). What is an Epideictic Epigram?. *Mnemosyne*, 51, 525-537.
- Pernot, L. (1993). *La rhétorique de l'éloge dans le monde greco-romain*. Paris: Institut d'Études Augustiennes.
- Quintilian. (1996). *Institutio Oratoria*. Trans. Donald Russell. Boston: Harvard University.
- Rees, R. (2007) Panegyric. In: Dominik, W.; Hall, J. (Org.). *A Companion to Roman Rhetoric* (pp. 154-166). Malden: Blackwell.
- Rosati, G. (2006) Luxury and Love: the encomium as aestheticisation of power in Flavian poetry. In: Nauta, Van Dam & Smolenaars (Org.). *Flavian poetry* (pp. 41-58). Leiden: Brill.
- Russell, D. A.; Wilson, N. G. (Ed.). (1981). *Menander Rhetor*. Oxford: Oxford University.
- Santos, M. M. O *Monstrum* da *Arte Poética* de Horácio. *Letras Clássicas* (USP), 4, 191-265.
- Scatolin, A. (2009). A invenção no *Do Orador* de Cícero. USP, PPGLC, São Paulo. Tese de Doutorado.
- Walker, Jeffrey. (2000). *Rhetoric and Poetics in Antiquity*. New York: Oxford University.
- Webb, Ruth. (2001). *The Progymnasmata as practice*. In: Too, Yun Lee. *Education in Greek and Roman Antiquity* (pp. 289-316). Leiden: Brill.

Recebido: 27 de outubro de 2015
Aprovado: 21 de fevereiro de 2016